

Ocupando a Rua Ceará. Iniciativas de (re)existência do Santuário Profano do underground carioca¹

Gabriel Dorneles Stavele Tavares²

Universidade Federal do Rio de Janeiro– UFRJ

“O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq)”

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar as recentes iniciativas de revitalização da cena de rock da região do Baixo Ceará, no Rio de Janeiro, à luz da noção de (re)existência (Fernandes et. al, 2022). Marcada por um período de ostracismo que atingiu seu ápice durante a pandemia de Covid-19, a localidade dá sinais de recuperação a partir de eventos gratuitos, como os festivais das 100 Bandas, 50 Bandas e Carnarock, a reabertura das casas de show Garage e Heavy Beer e a conquista do título de patrimônio cultural imaterial do município do Rio de Janeiro. Neste sentido, buscamos cartografar os últimos acontecimentos com base na metodologia da Teoria Ator-Rede (Latour, 2012).

Palavra-chave: rock; música; festival; eventos; comunicação.

Introdução

Marcada pela realização de grandes eventos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, a década de 2010 fez emergir no país novas formas de levantes e reivindicações coletivas que se contrapunham à processos supostamente modernizantes, responsáveis pela acentuação da gentrificação e restrição dos espaços de convívio nas grandes metrópoles. Como explicam Paiva e Martins (2022), “o contexto urbano e as desigualdades de acesso aos bens citadinos produzem o ambiente contestatório e reivindicativo que caracteriza essa efervescência” (P.42).

Privilegiando uma cidadania neoliberal consumidora (Bulcão, 2023) que atomiza o indivíduo e estimula a despolitização, o projeto das cidades privatizadas (Caiafa, 2007) tem sido na contemporaneidade recorrentemente antagonizado pela atuação de coletivos como o Ocupa Estelita (Bulcão, 2018), do Recife, o Circular Campina Cidade Velha, de Belém, e a Casa do Neuber, de Boa Vista (Paiva, Gabbay, 2018), além da Associação Cultural Peneira (Fernandes, Bittencourt, 2024), do Rio de Janeiro, entre outros, que apesar de apresentarem características bastante distintas, têm como traço em comum a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. E-mail: gabrielstavele@gmail.com.

incorporação de elementos artísticos como forma de estimular a presença da população no espaço público e o reforço ao sentido de comunidade e à produção de vínculos.

Neste artigo, discutiremos as iniciativas de Re (Existência) (Fernandes et. al, 2022) promovidas por frequentadores, moradores, empresários e trabalhadores da região do Baixo Ceará, uma zona estigmatizada da região central do município do Rio de Janeiro, localizada entre os bairros da Praça da Bandeira e São Cristóvão, organizados em coletivo com o objetivo de retomar uma tradicional cena de rock e heavy metal que atravessou um longo período de decadência, agravado pela pandemia de Covid-19.

Chegando ao Santuário Profano

Baixo Ceará, Praça da Bandeira, zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Santuário profano do underground carioca, antítese da Cidade Maravilhosa, da bossa nova, do samba, da malandragem e de todos os símbolos de brasilidade que alimentam a indústria do turismo, ao mesmo tempo em que se mantém alheio aos projetos modernizantes das cidades inteligentes que, sob o pretexto da revitalização, descaracterizam as localidades onde são instaurados, o espaço representa uma espécie de urbe alternativa, uma zona de pecado e resistência encravada no coração da cidade, a menos de dois quilômetros da sede da prefeitura. É lá que, no espaço de um quarteirão, convivem e confundem-se os frequentadores da Vila Mimosa, tradicional reduto do baixo meretrício carioca, motociclistas atraídos pelas oficinas mecânicas e motoclubes, e o público que busca diversão nas casas de show que há três décadas compõem um hub roqueiro na região.

Desprovida de qualquer glamour, a Rua Ceará pode ser enquadrada no que Careri (2013) define como os interstícios da cidade, ou Territórios Atuais, “áreas esquecidas que formam o negativo da cidade contemporânea, que contêm em si mesmas a dupla essência de refugio e de recurso” (P.15). Sua entrada é marcada pelo odor da poluição do Rio Joana, um afluente do Rio Maracanã que durante décadas contribuiu para os constantes alagamentos da Praça da Bandeira, constituindo-se em um dos espaços insalubres descritos por Crochik (2018) que, em função dos processos de modernização industrial e os altos preços da mercadoria habitação urbana, passaram a ser ocupados pela classe trabalhadora. Seguindo adiante, o viaduto por onde passa a linha 2 do metrô serve como um portal que separa a funcionalidade da avenida Radial Oeste, principal ligação entre o centro e a zona norte, da ludicidade de um espaço voltado à fruição musical e ao mercado do sexo.

À direita de quem chega da Praça da Bandeira, a casa de shows Heavy Beer (antes chamada de Heavy Duty) é a mais imponente e estruturada do Baixo Ceará. Notabilizada pela antiga administração em função do peculiar atendimento dispensado aos clientes, a casa passou por um processo de reestruturação desde que foi adquirida pelo empresário Markus Roza, após o fim da pandemia de Covid-19, e atualmente alterna shows de bandas cover, artistas autorais em ascensão e eventuais apresentações de nomes que circulam no universo *mainstream*, como Black Pantera, Gotalax e Tim Ripper Owens. Dividindo o muro com o Heavy Beer, o tradicional motoclube Balaio contempla os amantes das duas rodas, primeiros desbravadores da região. Do outro lado da rua, encontra-se o pequeno pub Duck Walk.

Cerca de 50 metros à frente, o som em alto volume e o burburinho de uma audiência composta majoritariamente por jovens criam a ambiência marcante do Garage. O visitante desavisado que chega ao pequeno logradouro, depara-se com a escadaria que leva até uma porta estreita, e, ao ultrapassá-la, adentra o salão composto por um antigo piso de madeira, paredes escuras com desenhos de figuras icônicas da história do rock, um bar, alguns sofás, uma mesa de sinuca e um palco de altura mediana, mal pode imaginar a importância histórica do local, que além de abrir as portas para as primeiras apresentações de nomes como Planet Hemp, Los Hermanos e Zumbi do Mato, também já recebeu atrações internacionais do porte de Exodus, DRI, Buzzcocks e Agnostic Front.

O circuito do rock prossegue ao longo do trajeto. Depois de passar pela garagem da viação Sampaio, pela antiga sede da Faetec Praça da Bandeira e uma grande variedade de oficinas mecânicas, chega-se à rua Sotero dos Reis, onde estão localizados o Bar GLS Rock, que há mais de duas décadas oferece um espaço seguro para a comunidade LGBTQI+, e o Bar da Sinuca, que agrega roqueiros, fãs de rap, profissionais do sexo e andarilhos em torno de uma *jukebox* e algumas mesas de sinuca.

A grande quantidade de lixo espalhada pelo chão, os carros abandonados, pixações e o mau estado de conservação dos sobrados denunciam a falta de zelo do poder público em relação à localidade, cuja deterioração supera inclusive a da Rua Ceará, e exemplificam a negação de determinados espaços citadinos à população descrita por Bulcão e Paiva (2023) ao se referirem a “espaços propositalmente esquecidos, esvaziados, degradados. Espaços sem segurança, sem iluminação, sem aparente atrativo algum” (P.17). Mais à frente, uma bifurcação separa a Vila Mimosa, à esquerda, da Rua Hilário

Ribeiro, onde, em frente à pequena e bem conservada Capela São José, encontra-se a casa de shows O Pecado Mora ao Lado.



Figura 1 A região conhecida como Baixo Ceará compreende as ruas Ceará, onde está localizado o Garage, Sotero dos Reis e Hilário Ribeiro. Fonte: Google Maps.

Ascensão e queda do Baixo Ceará

A relação do público de rock do Rio de Janeiro com a Rua Ceará teve início na década de 1990. Tradicional reduto de motociclistas e sede do pioneiro Moto Club do Brasil, fundado em 1927, a localidade foi atravessada pela música pesada no ano de 1991, quando o produtor musical Fabio Costa alugou um antigo imóvel pertencente ao Rotary Club e passou a promover eventos com música ao vivo e exibição de videocliques de rock. A iniciativa repercutiu na mídia alternativa, consolidando nos quinze anos posteriores a reputação do Garage como celeiro de novos artistas e um palco capaz de abrigar bandas de médio e grande porte dos cenários nacional e internacional de rock, punk e metal. O sucesso do Garage, somado ao aumento do movimento na região em função da chegada da Vila Mimosa, em 1996, inspirou o surgimento do Heavy Duty, no ano seguinte. Em 2006, era inaugurado na rua Hilário Ribeiro o bar O Pecado Mora ao Lado.

A perda de protagonismo do rock nas paradas de sucesso, somada ao aumento da concorrência e a inabilidade dos responsáveis pela administração, levaram o Garage a acumular dívidas que culminaram com o encerramento das suas atividades no ano de 2007. Com o fim do Garage e as mudanças no trânsito ocasionadas pelas obras para a Copa do Mundo, que criavam dificuldades para apresentações na rua, o Heavy Duty reformulou seu espaço, configurando-se em uma bem estruturada casa de shows que manteve o legado do Baixo Ceará por pelo menos uma década. Entretanto, a casa de

shows acabaria sucumbindo diante do isolamento social durante a pandemia de Covid-19. Ainda que nunca tenha deixado de existir, a cena de rock inaugurada pelo Garage atravessava um período de decadência na virada para os anos 2020.

Iniciativas de (re)existência

Fernandes et. al (2022) recuperam a noção de (re)existência para dar conta de dinâmicas sociais nas quais “os atores não só resistem, mas também protagonizam, ocupam, negociam, escapam, existem, criam, perseveram, e assim por diante” (P.17). Neste sentido, podemos afirmar que o processo de (re)existência da cena de rock do Baixo Ceará passa pelo engajamento de produtores, artistas e antigos frequentadores, que reuniram esforços nos últimos anos não apenas para atrair o público, como também para reverter a insegurança causada por um imaginário que relacionava o local a casos de assédio a mulheres e outras formas de violência.

Estes esforços de (re)existência podem ser exemplificados pela reabertura do Garage, que resultou da união entre produtores, órgãos de mídia e antigos frequentadores, capitaneados pelo coletivo Grindhouse. Como afirmou na ocasião o jornalista Adriano Dias, ex-membro das bandas Gangrena Gasosa e Convulsion, “este espaço deveria ser designado como patrimônio histórico e cultural e ser abraçado como um local de promoção e acesso a direitos. Vamos buscar parcerias para contribuir com essa causa”.

A empreitada contou com fundos obtidos por meio de uma campanha virtual de arrecadação, além da realização de eventos beneficentes. Nas palavras dos organizadores, a iniciativa surgiu “como uma homenagem à sua antecessora, mantendo viva a chama do underground. Nosso propósito é revitalizar este local lendário, trazendo de volta noites cheias de energia, paixão e música autêntica”³.

A reinauguração do Garage aconteceu no dia 05 de outubro de 2023, marcando uma nova fase para a cena de rock do Baixo Ceará. De acordo com o Portal C3, “o espaço se tornou um ponto de encontro para a comunidade alternativa, oferecendo palco para bandas, eventos culturais e rodas de conversa”⁴. Além disso, uma maior preocupação da administração em fomentar a diversidade e garantir proteção aos frequentadores mais vulneráveis também pode ser notada tanto nos eventos quanto no posicionamento da casa nas redes sociais. Em um relato publicado em 19/11/2024, a página do Garage Grindhouse

³ <https://portalc3.net/renascimento-do-garage-um-despertar-cultural-no-rio-de-janeiro/>

⁴ <https://portalc3.net/um-ano-desde-o-retorno-ao-templo-do-garage-art-cult/>

no Instagram explicitou dois casos de assédio a frequentadoras que teriam sido frustrados pela atuação de funcionários, reiterando seu compromisso de tornar o espaço mais inclusivo:

Estamos sempre vigiando a todo momento em prol do bem estar de todos, sem descrição de gêneros, idade, cor, cidade, país e orientação sexual, para que haja sempre respeito e harmonia entre todos. Se houver algo que a produção e o dono da casa não tiver olhando, **COMUNIQUE IMEDIATAMENTE!** Não toleramos: Racistas, Fascistas, Homofóbicos, Machistas. Somos uma casa de respeito, harmonia e acolhimento para todos!⁵



Figura 2 Advertência ao público masculino no banheiro do Heavy Beer indica a preocupação dos organizadores em relação à segurança das frequentadoras. Fonte: Arquivo Pessoal

Apenas oito meses após a reabertura do Garage, os esforços coletivos pela ressignificação do imaginário que cerca a região do Baixo Ceará renderiam novos frutos com a realização do Festival das 100 bandas, um ambicioso projeto que prometia oferecer gratuitamente cem apresentações ao vivo em dez palcos espalhados pelas ruas Ceará, Sotero dos Reis e Hilário Ribeiro, em comemoração ao Dia Mundial do Rock. Na trilha de Fernandes e Bittencourt (2022), para quem o espetáculo vivido na rua produz novos conhecimentos, estéticas e, por consequência, outras imagens da cidade, chamamos a atenção para a importância deste microevento (Herschmann; Fernandes, 2014, 2016, 2021) para o fortalecimento do espírito comunitário, da autoestima dos frequentadores e a abertura de novas perspectivas de futuro. Sem contar com qualquer apoio do poder público, o festival reuniu cerca de 10 mil pessoas, de acordo com os organizadores, ao longo de 12 horas de apresentações ininterruptas, e, como escreveu o músico e jornalista Roani Rock Sento Sé, evidenciou o interesse do público carioca em recuperar a força da antiga cena de rock.

⁵ https://www.instagram.com/p/DCKSyu-BElo/?img_index=2

O que parecia ser uma ideia louca comprada por outros determinados a cometer loucuras, virou a mais séria mobilização do underground nacional na história, para de uma vez por todas mostrar que o Rock ainda tem seu lugar, uma organização e bastante demanda, inclusive na terra do funk e do samba. [...] Pela minha ótica, a de quem tocou no evento e que pôde apreciar incontáveis shows em diversos palcos, foi como estar no Woodstock. Não por uma questão de excessos de drogas ou da própria música, mas assim como é passado no documentário icônico da primeira edição do festival de 1969, o “cem bandas” trazia um ar de paz e solidariedade para quem foi prestigiar. Pessoas de diversas tribos, cores de pele e idades dividindo o mesmo ambiente em uma igual sintonia. “*Cada um no seu quadrado*”, mas sem sentir o “*calo pisado*” quando um “diferente” invadia para, por exemplo, bater cabeça num show de metal distorcido no heavy Beer.⁶

Considerações Finais

Como apontam os trabalhos de Fernandes e Herschmann (2014), a música pode exercer um papel fundamental em processos de reterritorialização capazes de converter espaços em lugares e construir heterotopias potentes que modificam a vida urbana. As imagens e relatos a respeito do festival não apenas reforçam essa ideia como sinalizam a potência da territorialidade sônico-musical que se estabelece no Baixo Ceará. Em editorial postado no site Brasil Headbanger, o jornalista Augusto Hunter destaca que até mesmo antigas rivalidades foram deixadas de lado, e graças à força da música, novas imagens surgiam no território da violência e da prostituição: “encontravam-se headbangers, punks, fãs de rock nacional e muito mais, todos unidos pelo amor a música. Viam-se crianças e famílias reunidas, grupos de amigos, idosos, casais e afins, todos celebrando a nossa boa música” (Augusto Hunter, 2024)⁷.

No embalo da atenção proporcionada pelo evento, a organização social “Com Causa” passou a reivindicar o tombamento da Rua Ceará como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio de Janeiro, buscando assim sublinhar a importância da localidade para a preservação da memória e identidade cultural da região⁸. Em fevereiro de 2025, por iniciativa do vereador Marcio Ribeiro⁹, o título foi concedido pela administração municipal. Para o idealizador do projeto, o empresário Markus Roza, os

⁶ <https://therocklife.rocks/2024/07/16/100-bandas-de-rock-na-rua-ceara-o-primeiro-passo-para-o-fim-dos-clipes-ao-underground/>

⁷ <https://headbangersbr.com/100-bandas-no-rio-de-janeiro/#:~:text=Sim%2C%20eram%20100%20Bandas%20divididas,o%20sentimento%20era%20de%20pertencime>nto.

⁸ <https://portalc3.net/comcausa-propoe-tombamento-da-rua-ceara-como-patrimonio-cultural-do-rio/>

⁹ <https://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/c5e78996b82f9e0303257960005fdc93/2f392dbd4514a53c03258c3c00561387?OpenDocument>

resultados foram positivos para todos os envolvidos, e outros eventos deverão ocorrer com maior periodicidade.

O primeiro deles, em 22/12/2024, a despeito do clima chuvoso e da proximidade das festas de fim de ano, voltou a lotar a Rua Ceará para apresentações gratuitas de 50 bandas, desta vez no interior das casas de show. Seguindo o mesmo modelo do Festival das 100 Bandas, o Carnarock foi bem-sucedido ao oferecer uma alternativa ao samba durante o carnaval, e voltou a levar um bom público ao Baixo Ceará. Para a segunda edição do Festival das 100 Bandas, marcado para o dia 13 de julho de 2025, espera-se uma presença de público ainda mais significativa.

Depois de tudo concluído, o evento teve um alcance jamais previsto. E foi muito maior que um evento, foi a salvação para os bares da Rua Ceará, para os ambulantes que lá estavam, para o resgate do espaço. O 100 Bandas Dia do Rock é muito mais que um evento, é um resgate. (Markus Roza, 2024)¹⁰



Figura 3 Banner de divulgação da segunda edição do Festival das 100 Bandas. Fonte: Instagram

Ainda é cedo para apontar os resultados práticos e desdobramentos destas recentes iniciativas de (re)existência do Baixo Ceará. Questões como o temor da violência e o estigma da prostituição seguem rondando a localidade, que permanece maldita no imaginário de boa parte da população. A despeito do sucesso de eventos como os festivais gratuitos e a reabertura do Garage, a presença de público ainda é bastante irregular, podendo tanto atrair multidões em busca de atrações de maior apelo, quanto plateias

¹⁰ https://www.instagram.com/p/DDyKUfWRnlj/?img_index=11

bastante modestas, a depender do dia da semana, das condições climáticas e da oferta de shows em outros pontos da cidade. É fato, no entanto, que a atenção midiática obtida no último período, aliada à determinação dos atores para seguir em frente apesar dos problemas, avanços tecnológicos como o advento das redes sociais e aplicativos de transporte e a construção de piscinões que abrandaram o problema das enchentes na Praça da Bandeira, além da existência de uma demanda por rock reprimida na cidade, criam condições favoráveis para uma nova consolidação desta emblemática cena musical.

Referências Bibliográficas

BULCÃO, Luana. **“Onde queres Dubai sou Pernambuco”: entre prospecções e reminiscências do Ocupe Estelita**. Contratexto, n. 30, p. 157-179, 2018.

BULCÃO, Luana. **Do caos à crise: o vocabulário de crise na reforma urbana do Mercado São José e do Camden Market**. 2023. 204f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

BULCÃO, Luana; PAIVA, Raquel. **Ocupe Estelita: experiência de cidadania e comunicação comunitária em Recife**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cidadania do XXXII Encontro Anual da Compós, Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, 03 a 07 de julho de 2023.

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.

CROCHIK, Miguel Marques. **Gentrificação verde: o urbanismo sustentável como instrumento de reestruturação imobiliária de Perus**. 2018. 224f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin; BITTENCOURT, Priscila. **O povo das ruas e seus levantes: a experiência artística “Sorte ou Revés” na Rua Joaquim Silva – Lapa**. In: Veredas da imaginação, territórios do imaginário / organizado por Erick Felinto e Cíntia Sanmartin Fernandes. –Porto Alegre: Sulina, 2024. <https://editorasulina.com.br/biblioteca-digital-det.php?id=865>

FERNANDES, C. S. ; HERSCHMANN, M. ; ROCHA, R. M. ; PEREIRA, S. L. . **(Re)existências em um contexto de intensificação das polarizações e precarizações**. In: Cíntia Sanmartin Fernandes; Micael Herschmann; Rose de Melo Rocha; Simone Luci Pereira. (Org.). A(r)tivismos Urbanos: (sobre)vivendo em tempos de urgências. 1ed.Porto Alegre: Sulina, 2022, v. 1, p. 9-29.

LATOUR, B.; **Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012.

HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia Sanmartin; **Emergência de corpos disfóricos na cidade do Rio de Janeiro nas territorialidades sônico-musicais construídas pela Cena Ballroom Carioca**. In: HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia S. Música nas ruas do Rio de Janeiro. São Paulo: Intercom, 2014.

HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia S. **Relevância da cultura de rua no Rio de Janeiro em um contexto de valorização dos megaeventos**. Interin, Curitiba, v. 21, n.1, p. 3-21, jan./jun. 2016. HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia S. Resiliência e politização da música negra nos espaços urbanos do Rio de Janeiro. Galáxia, São Paulo, PUC-SP, 2021.

HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia Sanmartin; JANOTTI, Jeder; CARDOSO, Jorge; PEREIRA, Simone Luci (orgs.) **Cidades Musicais (In)visíveis. Vol 2**. Porto Alegre: Sulina, 2024 (no prelo)

MARTINS, Gizele; PAIVA, Raquel. **Frente Maré: a força dos coletivos no contexto da sociedade incivil e da Covid-19**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cidadania do XXXI Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz – MA, 06 a 10 de junho de 2022.

PAIVA, Raquel; GABBAY, Marcello. **Cidade, afeto e ocupações: ou a transfiguração do espaço público no Brasil contemporâneo**. RUA, v. 24, n. 1, p. 129-138, 2018.